



A RELAÇÃO ENTRE LINGUAGEM E MUNDO NAS DUAS FASES DO PENSAMENTO DE WITTGENSTEIN.

<https://periodicos.uerr.edu.br/index.php/ambiente/article/view/854>

LA RELACIÓN ENTRE EL LENGUAJE Y EL MUNDO EN LAS DOS ETAPAS DEL PENSAMIENTO DE WITTGENSTEIN.

Elisângela Andrade do Nascimento - Universidade Federal de Roraima/UFRR <https://orcid.org/0000-0001-8342-3823>
Francico Rafel Leidsen - Universidade Estadual de Roraima/UEER <http://lattes.cnpq.br/0581903657571070>

RESUMO: Temos como objetivo apresentar as razões que conduzem Wittgenstein a estabelecer a teoria dos jogos de linguagem como modelo de linguagem que de maneira mais coerente corresponde ao pluralismo do mundo, na segunda fase de seu pensamento. Assim, pretendemos explicitar os principais argumentos que promovem a guinada linguístico-pragmática na segunda fase do pensamento de Wittgenstein. Estudamos as suas duas principais obras: no *Tractatus Logico – Philosophicus* (TLP), ele buscou reconhecer uma estrutura lógica que pudesse dar conta do funcionamento da linguagem na representação do mundo. A concepção de mundo em Wittgenstein, enquanto “totalidade dos fatos”, ou seja, a estrutura lógica do mundo, determinará, em um passo posterior, a estrutura da linguagem. Desse modo, uma linguagem significativa será possível como descrição do mundo. Já na segunda fase de seu pensamento, nas *Investigações Filosóficas*, rompe com a análise que fez no *Tractatus*. A partir de então, linguagem e mundo se unem pragmaticamente, ela não mais representa o mundo, mas faz parte de sua constituição e se adequa ao contexto de vivência de acordo com o uso que se faz dela. Wittgenstein chama a atividade do uso da linguagem no contexto de vivência, de jogos de linguagem. Assim, a linguagem é atrelada às ações humanas, são as Formas de Vida, elas contêm regras que determinadas coletividades seguem e, portanto, compreendem múltiplas possibilidades, que dão significados variados ao mundo e engrenam os jogos de linguagem dando sentido à linguagem.

Palavras-chave: Wittgenstein, Linguagem, *Tractatus Logico – Philosophicus*, *Investigações Filosóficas*.

ABSTRACT: Nuestro objetivo es presentar las razones que llevan a Wittgenstein a establecer la teoría de los juegos del lenguaje como un modelo de lenguaje que corresponde de manera más coherente al pluralismo del mundo, en la segunda fase de su pensamiento. Así, pretendemos explicar los principales argumentos que promueven el cambio lingüístico-pragmático en la segunda fase del pensamiento de Wittgenstein. Estudiamos sus dos obras principales, en el *Tractatus Logico - Philosophicus* (TLP), buscó reconocer una estructura lógica que pudiera dar cuenta del funcionamiento del lenguaje en la representación del mundo. La concepción de Wittgenstein del mundo, como “totalidad de hechos”, es decir, la estructura lógica del mundo, determinará, en un paso posterior, la estructura del lenguaje. De esta manera, será posible un lenguaje significativo como descripción del mundo. En la segunda fase de su pensamiento, en *Investigaciones Filosóficas*, rompe con el análisis que hizo en el *Tractatus*. Desde entonces, lenguaje y mundo confluyen pragmáticamente, ya no representa al mundo, sino que forma parte de su constitución y se ajusta al contexto de la experiencia según su uso. Wittgenstein llama a la actividad de usar el lenguaje en el contexto de la vida, juegos de lenguaje. Así, el lenguaje está ligado a las acciones humanas, son Formas de Vida, contienen reglas que siguen determinadas colectividades y, por tanto, comprenden múltiples posibilidades, que dan diferentes significados al mundo y se involucran en juegos de lenguaje que dan sentido al lenguaje.

Keywords: Wittgenstein, Lenguaje, *Tractatus Logico - Philosophicus*, *Investigaciones Filosóficas*.

PENSAMENTO, LINGUAGEM E MUNDO NO TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende explicitar, de maneira clara e sistemática, os principais argumentos que promovem a guinada linguístico-pragmática no pensamento de Wittgenstein. Ao invés de inaugurar uma via interpretativa ou suplantando leituras consolidadas, o texto indica o núcleo da mudança de perspectiva sobre o problema da relação entre linguagem e mundo promovida por Wittgenstein nas *Investigações Filosóficas*. Trata-se, portanto, de uma justificativa pouco pretenciosa em termos de inovações, porém, fundamental enquanto esclarecimento dos aspectos mais relevantes dessa substancial mudança de perspectiva no pensamento de Wittgenstein.

Para isso, iniciamos com uma caracterização da primeira fase do filósofo austríaco como meio para expor o caráter positivista de sua visão de mundo e, especialmente, de seu entendimento sobre a linguagem. Por contraste, ao explicitarmos a alteração promovida pelas *Investigações Filosóficas*, queremos indicar que o pluralismo que passa a prevalecer em sua avaliação do mundo, ao contrário do positivismo do *Tractatus*, também reflete o modo como considera a linguagem em seu uso concreto. Em outros termos, em um mundo pragmaticamente configurado e com formas de vida indeterminadas, também a linguagem é vista como variável de acordo com o uso em contextos específicos, justamente o que Wittgenstein designa como jogos de linguagem. Por fim, esta última perspectiva, de acordo com aquilo que o próprio Wittgenstein defende, é vista como uma mais apropriada caracterização do mundo e da linguagem.

O MUNDO

Para Wittgenstein, “o mundo é tudo o que ocorre” (WITTGENSTEIN, 1968, p. 44). No entanto, ele delimita o que ocorre no mundo a partir de dois conceitos fundamentais no seu *Tractatus Logico – Philosophicus* (TLP), são eles: a noção de

fato e objeto, mas dentro de uma condição de possibilidades no espaço lógico. “O mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas” (WITTGENSTEIN, 1968, p. 55), com essa proposição Wittgenstein considera o fato como a ligação entre vários objetos em um estado de coisas. Estado de coisas é a ligação que existe entre os objetos e que lhes confere a possibilidade de ser. Essa possibilidade determina o que pode ocorrer ou não no mundo, isto é, “a totalidade dos fatos determina, pois, o que ocorre e também tudo que não ocorre” (WITTGENSTEIN, 1968, p. 55). O conjunto total das possibilidades de ser do objeto, o fato, definidor do mundo, compõe o próprio espaço lógico, pois para Wittgenstein, “os fatos, no espaço lógico, é o mundo” (WITTGENSTEIN, 1968, p. 55). A lógica possui ampla autonomia frente ao mundo, ela determina sua estrutura que é a relação entre os objetos em um estado de coisas. Wittgenstein conceitua a lógica no aforismo (WITTGENSTEIN, 1968, p. 55-56), segundo o autor:

Parece, por assim dizer, accidental que à coisa, que poderia subsistir sózinha e para si, viesse ajustar-se em seguida a uma situação. Se as coisas podem aparecer em estados de coisas, então isto já deve estar nelas (Algo lógico não pode ser meramente-possível. A lógica trata de cada possibilidade e tôdas as possibilidades são fatos que lhe pertencem.). Assim como não podemos pensar objetos espaciais fora do espaço, os temporais fora do tempo, assim não podemos pensar nenhum objeto fora da possibilidade de sua ligação com outros. Se posso pensar o objeto ligando-o ao estado de coisas, não posso então pensá-lo fora da possibilidade dessa ligação.

Para Wittgenstein “Nada é accidental na lógica: se uma coisa puder aparecer num estado de coisas, a possibilidade do estado de coisas já deve estar antecipada nela” (WITTGENSTEIN, 1968, p. 55). A ligação que há entre os objetos, em seu pensamento, nesse sentido, rompe com a concepção de Gottlob Frege. De acordo com Carneiro,

É sobremaneira com Frege que vimos surgir uma preocupação filosófica com a linguagem, principalmente sobre os fundamentos da matemática, conduzindo indagações sobre a natureza da linguagem, logo sendo estas inquietações também incorporadas por Russel e Wittgenstein. (CARNEIRO, 2011, p.14)

Frege, junto a Bertrand Russel, ambos, importantes matemáticos lógicos e filósofos,

compõem o alicerce da Filosofia da Linguagem contemporânea e as bases da filosofia de Wittgenstein. Frege concebe o mundo como a totalidade (soma), dos objetos no mundo. Nessa perspectiva, há a dimensão do sentido e da referência em que a linguagem precisa corresponder com exatidão. Para Frege todo nome designa algo e possui sentido, de modo que o sentido é a maneira como o objeto se manifesta (OLIVEIRA, 1996, p. 62). De acordo com Frege (2009, p.128):

É, pois, plausível pensar que exista unido a um sinal (nome combinação de palavras, letras), além daquilo por ele designado, que pode ser chamado de sua referência (Bedeutung), ainda o que eu gostaria de chamar de o sentido (Sinn) do sinal, onde está contido o modo de apresentação do objeto. Conseqüentemente, segundo nosso exemplo acima, a referência das expressões "o ponto de interseção de a e b" e "o ponto de interseção de b e c" seria a mesma, mas não os seus sentidos. A referência de "estrela da tarde" e "estrela da manhã" é a mesma, mas não o sentido

Com isso ele busca apreender um pensamento possível exprimido de maneira exata e sem ambigüidades a partir da lógica, a fim de se ter uma linguagem precisa.

Em Wittgenstein “o objeto é o fixo, o subsistente; configuração é o mutável, o instável” (WITTGENSTEIN, 1968, p. 58). Assim, ele se diferencia de Frege pela dimensão relacional que há entre os objetos, o que lhes confere a possibilidade de ser das coisas, possibilidade esta que é inerente ao objeto e que também possibilita a figuração do mundo. A figuração é o espelho da realidade, é a estrutura falada de combinações de nomes, onde o objeto ganha significado, ou seja, pode ser pensado.

A realidade em Wittgenstein é um conjunto de fatos ou estados de coisas que podem ou não ocorrer. A realidade em sua totalidade é o mundo. De acordo com Oliveira (1996, p. 99), o fato se refere à realidade; a algo que realmente ocorre. Já os estados de coisas se referem ao conteúdo descritivo das frases, representa algo que possivelmente pode ocorrer. Tendo em vista que a concatenação dos objetos no mundo constitui o fato, “(...)”, o fato, é o subsistir dos estados de

coisas” (WITTGENSTEIN, 1968, p. 55). Podemos inferir que os objetos são a condição de possibilidade do mundo, mas essa condição não é dada de qualquer maneira, “a possibilidade de seu aparecer nos estados de coisas é a forma dos objetos” (WITTGENSTEIN, 1968, p. 57). Segundo Wittgenstein, é a forma dos objetos que confere a estrutura dos estados de coisas. “A estrutura não é, pois, um objeto, mas um tipo de configuração de objetos” (OLIVEIRA, 1996, p. 99).

Em cada configuração os objetos formam um fato diverso. Entendemos que, nesse sentido, é preciso compreender o que Wittgenstein busca em sua análise lógica sobre o mundo: ele busca compreender como o mundo é, portanto, sua concepção de mundo é qualquer mundo possível dentro de uma perspectiva lógica, pois o mundo não é uma coisa e nem um amontoado de coisas, mas é a totalidade dos fatos, inclusive fatos que ainda podem ocorrer, isto é, que sejam logicamente possíveis. (OLIVEIRA, 1996, p. 100). Partindo desse pressuposto, entendemos que a figuração é uma descrição de um fato que está previsto na lógica, pois o mundo para Wittgenstein é logicamente estruturado; não caótico e com regras.

Embora fatos e estados de coisas pertençam à mesma categoria, ter em mente a diferença que há entre eles é de fundamental importância para a compreensão da Teoria Figurativa de Wittgenstein. Pois é somente a partir dessa compreensão que podemos entender o sentido de uma proposição e os limites do mundo. O mundo além de ser a totalidade dos fatos é também a totalidade das possibilidades nos estados de coisas, enquanto o fato é a efetivação de algo, os estados de coisas configuram sua possibilidade. Essa diferença impõe os limites no mundo de tudo o que ocorre e o que não ocorre, como também o que pode ser pensado e falado por meio das proposições.

Segundo Reale (2005, p. 315), os fatos podem ser, em uma analogia, proposições moleculares que podem se dividir em: atômica (fatos simples), que é a menor parte de um enunciado e pode qualificar verdadeira ou falsa a proposição atômica; e proposição simples que é a

combinação de proposições atômicas que qualificam verdadeira ou falsa a proposição molecular. Dessa estrutura que são combinações de nomes, o objeto ganha significado, ou seja, pode ser pensado e, para Wittgenstein, o que é pensado, dentro dos limites do pensamento, pode ser falado. Somente dessa forma podemos descrever como é o mundo e conhecê-lo em sua totalidade, assim como apregoa o aforismo: “O mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas” (WITTGENSTEIN, 1968, p. 55).

De acordo com Marques (2005), a relação entre elementos da figuração e os objetos do mundo, Wittgenstein chama de relação afiguradora. É na figuração e na relação afiguradora que os objetos e as proposições ganham valor de verdade, ou seja, sentido. Para Wittgenstein, as proposições são figurações do mundo, o que equivale a dizer que a proposição e o mundo possuem a mesma forma lógica. A proposição é um modelo do mundo; ela é uma figuração do mundo possível e é a partir da relação afiguradora entre a proposição e o estado de coisas que é possível descrever o mundo filosoficamente, ou seja, esclarecer e delimitar logicamente o mundo por meio da linguagem. Nesse sentido é que Wittgenstein declara toda a teoria do seu *Tractatus* que diz: “Os limites de minha linguagem denotam os limites de meu mundo” (WITTGENSTEIN, 1968, p. 111), esse limite é dado pela proposição, pois somente ela é dotada de sentido.

A LINGUAGEM COMO DESCRIÇÃO DE MUNDO

No *Tractatus*, a linguagem representa a expressão dos pensamentos, o mundo é representado em uma estrutura lógica por meio de proposições, de modo que a estrutura lógica da linguagem nos possibilita entender a estrutura lógica do mundo. Linguagem e Mundo estão intrinsecamente ligados ao ponto de um determinar os limites do outro. Segundo Marques,

O objetivo central do *Tractatus*, conforme declara o próprio Wittgenstein no prefácio, consiste no estabelecimento dos limites do que se deixa expressar por meio de proposições dotadas de sentido. Segundo ele, ao traçarmos os

limites do discurso significativo, traçamos também os limites do pensamento, uma vez que os pensamentos nada mais são que conteúdos proposicionais. Trata-se assim, no *Tractatus*, de uma tentativa de determinação dos limites daquilo que pode ser pensado, através de uma delimitação do que pode ser dito por meio da linguagem (2005, p. 13).

Segundo Oliveira (1996, p. 101), “a expressão linguística não é algo accidental ao pensamento, mas a expressividade é algo essencial para o pensamento”, no entanto, a expressividade só pode exprimir proposições que tenham sentido, ou seja, por não ser algo accidental ao pensamento a expressão linguística também possui uma ordem delimitada pelo espaço lógico, isto é, há uma forma lógica comum entre linguagem e mundo, que determina tanto as possibilidades de ligações entre os objetos, quanto as possibilidades de ligações entre as proposições. Sobre a forma lógica, Carvalho (2008, p.3), esclarece que “essa forma lógica não é um objeto (afinal, não há ‘objetos lógicos’), e como uma figuração consiste em apresentar a relação entre objetos por meio de sinais, a própria forma lógica não pode ser figurada”.

Ainda segundo Carvalho (2008, p.5):

Após estabelecer a concepção de linguagem como figuração do mundo, o *Tractatus* se alonga primeiramente na caracterização de que a linguagem e o pensamento se limitam à figuração de fatos e, em seguida, na caracterização da independência e igual valor das proposições lógicas, desdobrando as implicações dessa concepção para a lógica e matemática, de um lado (que são tratadas da perspectiva do “cálculo”, como operações, não dizendo nada sobre o mundo e sequer tendo “sentido”), e para a ciência empírica, de outro, evidenciando a contingência de qualquer teoria sobre o mundo, mesmo de princípios que pareceriam universais, como o princípio de causalidade. Toda necessidade é lógica e essa se refere apenas à estrutura da gramática de nossa linguagem, não aos fatos no mundo de que trata essa linguagem.

A forma lógica possibilita a ligação entre a proposição e o fato, somente ela é o elo de relação comum para que uma figuração seja figuração de um fato, pois para Wittgenstein “fazemo-nos figurações dos fatos” (WITTGENSTEIN, 1968, p. 59), e o “pensamento é a figuração lógica dos fatos” (WITTGENSTEIN, 1968, p. 61), nesse sentido, o “signo proposicional consiste em que

seus elementos, as palavras, estão relacionados uns aos outros de maneira determinada” (WITTGENSTEIN, 1968, p. 62). Nesse sentido, Wittgenstein estabelece os limites da linguagem. Para ele, ao fazermos figurações dos fatos só podemos dizer ou pensar algo que esteja dentro da possibilidade de relação, isto é, assim como as proposições só podem representar fatos pela relação que uma palavra tem com outra, os objetos só podem ser pensados pela relação que um tem com o outro.

De acordo com Wittgenstein “Se conheço o objeto, também conheço tôdas as possibilidades de seu aparecer em estados de coisas. (Cada uma dessas possibilidades deve estar na natureza do objeto.). Não é possível posteriormente encontrar nova possibilidade” (WITTGENSTEIN, 1968, p. 56). Ao compreendermos uma proposição significativa, tomamos conhecimento do que ela trata, assim podemos diferenciá-la de outras proposições, ou seja, uma proposição significativa apresenta uma coisa definida e clara. Isto é o que chamamos de linguagem, o conjunto de coisas formados por objetos gráficos ou sonoros que nos fornecem um modelo ou figuração da realidade, pois “A proposição é figuração da realidade. A proposição é modelo da realidade tal como a pensamos” (WITTGENSTEIN, 1968, p. 71).

De acordo com Lima (2015), para Wittgenstein “o pensamento é a proposição significativa” (WITTGENSTEIN, 1968, p. 44), é nesse sentido que, como já abordamos, a proposição é *conditio sine qua non* para conhecermos o mundo em sua totalidade, as proposições são a estrutura lógica da linguagem que afiguram o mundo e que delimitam os seus limites pela figuração dos fatos. A delimitação do mundo se dá pela delimitação do que pode ser pensado, os limites da linguagem são, pois os limites do pensamento. De acordo com Wittgenstein:

A lógica preenche o mundo, os limites do mundo são também seus limites. Não podemos pois dizer na lógica: isto e isto existem no mundo, aquilo não. Porquanto se pressuporia aparentemente que excluímos certas possibilidades, o que não pode ocorrer pois, do contrário, a lógica deveria colocarse além dos limites do mundo, como se pudesse considerar

esses limites também do outro lado. Não podemos pensar o que não podemos pensar, por isso também não podemos dizer o que não podemos pensar. (1968, p. 111).

Desse modo, segundo Carvalho (2008), Wittgenstein elege a linguagem mais simples, a linguagem ordinária como a linguagem fundamental, a que melhor descreve o mundo, ele parte do seu atomismo em que divide as proposições em elementares e complexas, para ele “A proposição é uma função de verdade das proposições elementares. (A proposição elementar é uma função de verdade de si mesma)” (WITTGENSTEIN, 1968, p. 89), pois ela não depende da verdade de nenhuma outra proposição, desse modo, esclarece Carvalho, que:

Na medida em que a proposição limita-se a figurar fatos, resulta que tudo o que pode ser dito ou pensado com sentido são fatos. Mais ainda, na medida em que todas as proposições são funções de verdade de proposições elementares e as proposições elementares são funções de verdade de si mesmas (ou seríamos levados a uma regressão ao infinito), essas proposições elementares são independentes entre si, a verdade de uma não mantendo qualquer relação com a verdade de qualquer outra. Ou seja, o pensamento limita-se a fatos, todos eles de igual valor, independentes entre si. Qualquer coisa que não seja um fato entre outros não pode ser pensado ou dito, de tal forma que só se pode conceber o mundo como um conjunto de fatos (TLP, 1.1), todos eles contingentes (só há necessidade na lógica, mas ela não trata do mundo nem de qualquer objeto realmente existente, apenas da “gramática” da linguagem). (2008, p. 4).

Como assinalamos, no pensamento filosófico de Wittgenstein a lógica determina a estrutura do mundo, e as proposições são, de acordo com Wittgenstein, relacionadas aos fatos. Nesse sentido, a lógica não só determina a estrutura do mundo, como também determina a estrutura da linguagem. Segundo Buchholz (2009), Wittgenstein compreende que assim como há uma relação entre os objetos, há também com as palavras. Uma palavra só tem sentido se relacionada com outras palavras, o que lhes confere uma forma lógica que permita avaliar, posteriormente, a verdade ou falsidade em um estado de coisas. Ou seja, assim como as palavras se organizam, na perspectiva do *Tractatus*, para formar as proposições, os objetos se organizam para formar os fatos, desse modo a forma lógica

determina o sentido proposicional.

Ainda de acordo com Buchholz (2009, p.65), a proposição é articulada e não uma mera combinação de palavras. É essa articulação lógica que possibilita a figuração da realidade, pois “assim como um estado de coisas é o estruturamento encadeado de objetos, também a proposição é um encadeamento de nomes”.

Segundo Carvalho (2008), após estabelecer a concepção de linguagem como figuração do mundo, Wittgenstein não busca uma teoria qualquer sobre o mundo, mas uma maneira de ver o mundo corretamente. Ao declarar que os limites da linguagem correspondem aos limites do mundo, Wittgenstein desenvolve no *Tractatus* a Teoria Figurativa da Linguagem, nessa teoria ele esclarece que a lógica, a linguagem e o mundo estão estreitamente ligados e, assim, qualquer descrição logicamente construída é válida.

Como já mencionado, uma proposição só possui sentido se afigurar um fato, o que possibilita a proposição de figurar os fatos no mundo é a mesma estrutura que possuem linguagem e mundo. Desse modo, pode-se verificar o valor de uma proposição a partir de sua comparação com os estados de coisas e assim evitar contrassensos. Esse era o objetivo de Wittgenstein ao escrever o *Tractatus Logico – Philosophicus*, evitar os erros de linguagem, ou seja, as proposições sem sentido. Ao estabelecer os limites da linguagem, daquilo que pode ser mostrado, Wittgenstein acreditava ter resolvido todos os problemas da linguagem e finaliza com a seguinte proposição “O que não se pode falar, deve-se calar” (WITTGENSTEIN, 1968, p. 129). Para ele, no contexto do TLP, o que não está dentro dos limites da linguagem, também não está nos limites do mundo, portanto, não pode ser expresso.

LINGUAGEM E MUNDO NAS INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS

O SIGNIFICADO DA LINGUAGEM

Nas *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein

não abandona o problema central do seu estudo sobre a relação entre linguagem e mundo desenvolvido no *Tractatus*, contudo, muda consideravelmente sua concepção sobre o significado da linguagem que deveria possuir uma essência lógica a fim de se chegar a uma estrutura sólida. Abordamos anteriormente que a proposição com sentido representa um fato possível dentro do espaço lógico e a totalidade de todos os fatos possíveis é o mundo, há também uma correspondência entre a linguagem e o mundo onde estão estritamente ligados a ponto de um determinar a estrutura do outro. Segundo Oliveira (1996, p.117):

Wolfgang Stemuller tem razão quando fala em duas filosofias de Wittgenstein. Sem dúvida, já o vimos antes, a problemática fundamental permanece a mesma. No entanto, a perspectiva segundo a qual essa problemática é considerada muda radicalmente na segunda fase de pensamento de Wittgenstein, de tal modo que não se pode considerar esta fase como um desenvolvimento linear da primeira. Muito pelo contrário, Wittgenstein desenvolve seu pensamento na segunda fase como crítica radical à tradição filosófica ocidental da linguagem, cuja expressão última havia sido precisamente o *Tractatus*. Em suma, sua obra da segunda fase encontra-se em fundamental oposição com a da primeira, mesmo que o problema central permaneça o mesmo. Wittgenstein, depois de ter abandonado a filosofia por coerência com o *Tractatus*, passou por uma lenta e dolorosa transformação espiritual desde mais ou menos 1930 até o fim de sua vida, e as Investigações Filosóficas são, propriamente, a expressão desse itinerário de pensamento.

Autores como Pereira(2015); Reis (2010), sobre as duas fases de pensamento de Wittgenstein abordam que as experiências vivenciadas a partir de seu distanciamento da filosofia, a fim de se dedicar ao ensino em escolas primárias e as mudanças ocorridas no sistema escolar austríaco daquela época contribuíram significativamente para a reformulação dos conceitos e significados da linguagem desenvolvidos no *Tractatus*.

Segundo Oliveira (1996), Wittgenstein critica o sistema agostiniano da linguagem que acompanha a tradição ao colocá-la como instrumento secundário do nosso conhecimento do mundo, em que o significado da linguagem tem a única função de designar e declarar, ou seja, se

referir ao objeto. Nas *Investigações*, no Parágrafo 23, Wittgenstein corrobora que esta é apenas uma das funções da linguagem, mas não é a única como apregoava a tradição, pois assumindo uma abordagem pragmática em relação ao significado, ele concebe a linguagem como parte da atividade e forma de vida humana. Ao citar o livro *Confissões de Santo Agostinho*, Wittgenstein busca justificar sua crítica e mudança de pensamento:

Se os adultos nomeassem algum objeto, e ao fazê-lo, se voltassem para ele, eu percebia isso e compreendia que o objeto fora designado pelos sons que eles pronunciavam, pois eles queriam indica-lo. Mas deduzi isto dos seus gestos, a linguagem natural de todos os povos, e da linguagem que, por meio da mímica e dos jogos com os olhos, por meio dos movimentos dos membros e do som da voz, indica as sensações da alma, quando esta deseja algo, ou se detém, ou recusa ou foge. Assim, aprendi pouco a pouco a compreender quais coisas eram designadas pelas palavras que eu ouvia pronunciar repetidamente nos seus lugares determinados em frases diferentes. E quando habituara minha boca a esses signos, dava expressão a meus desejos. (Agostinho apud Wittgenstein, 1999, p. 27).

O significado do sistema agostiniano de linguagem é considerado uma representação primitiva da língua por Wittgenstein, para ele, esse sistema é apenas de compreensão, pois nem tudo o que é linguagem está nele.

De acordo com Luna (2009), essa concepção levou a uma delimitação em relação aos nomes e objetos. A crítica que Wittgenstein faz a esse sistema também se estende a ele próprio, pois como já mencionamos, para ele só poderíamos falar sobre aquilo que fosse dotado de sentido, visto que no *Tractatus* os nomes necessariamente precisam representar os objetos no interior da proposição e terem significado, e a proposição com sentido, por sua vez, só pode representar um fato possível. Isso leva a uma delimitação rigorosa, pois cria a dependência de sentido e significado entre o nome e o objeto, onde aprender uma palavra significa nomear um objeto ou, nas palavras de Wittgenstein, “denominar algo é semelhante a colocar uma etiqueta numa coisa” (1999, p. 32). Isso faz com que Wittgenstein reconheça no Prefácio das *Investigações Filosóficas* os graves erros que publicara no seu primeiro livro.

Segundo Oliveira (1996, p. 138), nas *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein rejeita a ideia de que haja uma correspondência estrutural entre linguagem e mundo, para ele os significados da linguagem estão no seu uso. Desse modo, a essência do significado da linguagem também acompanha essa ideia, ele não é mais fixo, mas variável conforme o uso que fazemos da linguagem. Portanto, o que há é uma identidade entre linguagem e uso, de modo que não se podem separar essas duas considerações. Assim, quando nas *Investigações* ele descreve as possibilidades de usos da linguagem, mediada pelo homem, o que interessa é a palavra e seu significado inseridos nos contextos de ação, ou seja, a linguagem não representa mais o mundo, mas o constitui, contudo a compreensão dos contextos de ação só é possível a partir dos horizontes contextuais em que a linguagem está inserida.

Wittgenstein critica a concepção de que a linguagem serve apenas para comunicar aos outros o conhecimento da razão, ou seja, a linguagem era tratada de maneira separada, era independente dos contextos em que era utilizada, para ele “isso é falso em sua exclusividade, pois com a linguagem podemos fazer muito mais coisas do que designar o mundo” (OLIVEIRA, 1996, p. 127). Segundo Wittgenstein:

Pode-se para uma grande classe de utilização da palavra “significação” – se não para todos os casos de sua utilização explicá-la assim: a significação de uma palavra é seu uso na linguagem.

E a significação de um nome elucida-se muitas vezes apontando para o seu portador. (1999, p. 43)

Em vista disso Wittgenstein entende que é o contexto de uso que dá significado à linguagem e desenvolve essa teoria no que ele vai chamar de jogos de linguagem.

OS JOGOS DE LINGUAGEM

Para Wittgenstein não podemos reduzir o conceito de significado da linguagem apenas para a função de substituição dos objetos no mundo, ela não é simplesmente um mero espelho do mundo, essa é apenas uma das funções da linguagem. Isso

fica claro em Wittgenstein na crítica ao sistema agostiniano da linguagem, onde ele mostra no Parágrafo 3 das Investigações que no conjunto das atividades humanas podemos usá-la para várias outras coisas. Ele não despreza esse sistema, pois o considera útil, mas não para a totalidade do que seja a linguagem, que para ele é uma forma de vida, ou seja, o seu significado está diretamente ligado à sua utilidade. Nesse sentido, ele considera que a linguagem primitiva faz parte de uma preparação do conhecimento humano, ela é apenas uma etapa, para o que chamará de jogo de linguagem. Segundo Wittgenstein:

O termo jogo de linguagem deve aqui salientar que o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida.

Imagine a multiplicidade dos jogos de linguagem por estes exemplos e outros:

Comandar e agir segundo comandos –

Descrever um objeto conforme a aparência ou conforme medidas –

Produzir um objeto segundo uma descrição (desenho) –

Relatar um acontecimento –

Conjecturar sobre o acontecimento –

Expor uma hipótese e prová-la –

Apresentar os resultados de um experimento por meio de tabelas e diagramas –

Inventar uma história; ler –

Representar teatro –

Cantar uma cantiga de roda –

Resolver enigmas –

Traduzir de uma língua para outra –

Pedir, agradecer, maldizer, saudar, orar.

É interessante comparar a multiplicidade das ferramentas da linguagem e seus modos de emprego, a multiplicidade das espécies de palavras e frases com aquilo que os lógicos disseram sobre a estrutura da linguagem. (E também o autor do *Tractatus Logico-Philosophicus*). (1999, p. 35 – 36).

O conceito de *jogo de linguagem* busca evidenciar que nos mais diferentes contextos há diferentes regras, essas regras determinam a linguagem dentro do jogo, É desse modo, para Wittgenstein, que se pode definir o sentido das expressões linguísticas de acordo com o contexto.

Diferentemente do que ele fez no *Tractatus*, ele não estabelece um conceito fechado para a linguagem, pois o significado da linguagem está no uso que se faz dela. Sendo assim, o conceito é amplo e obedece a multiplicidade dos jogos dentro dos inúmeros contextos.

Desse modo, segundo Faustino (2013), Wittgenstein não concebe mais a linguagem ligada a estados de coisa no mundo, como no *Tractatus*, mas agora, nas Investigações, ela está ligada às formas de vida. Por esse motivo, a linguagem passa a ser regida por regras determinadas pela atividade prática nos contextos de vivências; ela é similar a um jogo.

Segundo Machado (2016, p. 849), a forma de vida é “a junção entre cultura e linguagem, entre um modo de vida em uma sociedade e os sistemas linguísticos de regras sintáticas, semânticas e pragmáticas que, para além de nomear coisas, regem e dão significado às ações humanas, portanto evidencia uma práxis”, desse modo, a linguagem como forma de vida, de acordo com Wittgenstein, é vivida coletivamente, ela é uma construção que se dá na relação onde somos instruídos de suas regras gradativamente nos contextos de vivências e aprendemos o jogo.

Para Wittgenstein, as regras do jogo devem ser seguidas por seus usuários, só o domínio da regra possibilita aos jogadores conhecerem a linguagem. Para ele, as palavras são similares às peças de um jogo, contudo, para se jogar é preciso ter treinamento, prática, pois não basta apenas conhecer as palavras e saber a relação entre o objeto e a linguagem, é preciso dominar as regras pragmáticas do contexto de vivência, é preciso “dominar uma técnica” para se conhecer a linguagem, pois os termos só adquirem significado nos seus usos. De acordo com Wittgenstein (1999, p. 92):

O que chamamos “seguir uma regra” é algo que apenas uma pessoa pudesse fazer apenas uma vez na vida? – E isto é, naturalmente, uma anotação sobre a gramática da expressão “seguir a regra”.

Não pode ser que apenas uma pessoa tenha, uma única vez, seguido uma regra. Não é possível que

apenas uma única vez tenha sido feita uma comunicação, dada ou compreendida uma ordem, etc. – Seguir uma regra, fazer uma comunicação, dar uma ordem, jogar uma partida de xadrez são hábitos (costumes, instituições).

Compreender uma frase significa compreender uma linguagem. Compreender uma linguagem significa dominar uma técnica.

De acordo com LUNA (2009), para Wittgenstein, seguir uma regra se assemelha a cumprir uma ordem, e uma ordem se obedece porque se aprendeu a obedecer desta e desta maneira. Isso é resultado de treinamento e aprendizado. Podemos inferir que, de acordo com Wittgenstein, nos parágrafos 17 e 19 das Investigações Filosóficas, quando um pedreiro dirige a fala para seu ajudante e em vez de dizer “traga-me uma lajota” disser “lajota”, a linguagem opera como uma ferramenta que de acordo com o contexto faz sentido para os seus usuários (WITTGENSTEIN, 1999, p. 18). Assim, se alguém cumpre uma ordem ou uma regra diante de um determinado contexto, como um ajudante de pedreiro diante de uma ordem ou regra, isso não muda o que foi falado porque tanto regra, como ordem, são aprendidas na prática, o que muda são as circunstâncias e seus falantes. Mais uma vez Wittgenstein critica a tradição e a si próprio, para ele o significado não está na relação entre a linguagem e o objeto, muito menos a linguagem é puramente descrição, mas ela é uma ferramenta que possui distintos significados, tal como as peças do jogo de xadrez que possuem múltiplos movimentos.

O entendimento da regra, o significado que se tem com a compreensão da linguagem é uma forma de vida e como tal não é individual, visto que os usuários da linguagem estão de acordo com ela e com o uso das suas regras. A linguagem é, nesse sentido, mediadora da realidade, ela está relacionada às ações do homem e ao seu conhecimento no uso que se faz dela, quando Wittgenstein considera que a linguagem primitiva é parte do jogo de linguagem, ele leva em consideração que aprendemos as palavras no ato designativo, mas como assinalamos, apenas o conhecimento da palavra não é o bastante para se compreender uma linguagem. Portanto, Wittgenstein considera que os usuários só podem

jogar a partir de uma coletividade. Desse modo, de acordo com Oliveira, Wittgenstein

Vai situar o homem e seu conhecimento no processo de interação social o que vai levar, posteriormente, não só à consideração da relação entre conhecimento e ação, linguagem e práxis humana, como também à consideração explícita do papel da comunidade humana na constituição do conhecimento, e da linguagem humana (melhor dito: do conhecimento linguisticamente mediado do homem) (1996, p.126).

Luna (2009), aponta que a regra não pode ser estabelecida e aplicada por um único indivíduo, ela deve ser estabelecida e aplicada por uma coletividade, é isso que faz com que as palavras tenham significado e finalidade dentro do jogo de linguagem, pois a linguagem é pública, de outro modo, seguindo o sistema agostiniano da linguagem, as palavras não teriam sentido, pois não existiria uma regra. As palavras só têm significado nos jogos de linguagem porque a “linguagem é um jogo público, constituído por regras públicas, que dão a cada jogo de linguagem um sentido cujo aspecto dinâmico e cujo aspecto público fazem dele um sentido muito diferente daquele sentido defendido no *Tractatus*” (LUNA, 2009, p. 86), e na tradição. Agora as palavras ganham significado a partir do seu uso no jogo de acordo com as pretensões dos jogadores nos contextos e não pelas descrições dos fatos.

No Parágrafo 66 das Investigações, Wittgenstein (1999, p.41-42) apresenta as semelhanças e diferenças entre alguns exemplos de jogos, o que podemos inferir em uma analogia como contextos de linguagem. Para ele, os jogos são jogados de acordo com regras estabelecidas dentro de cada contexto, a partir do uso convencional dentro desses contextos. De acordo com Machado (2016), os contextos são espaços de atuação humana, portanto, os jogos de linguagem de um coletivo, podem ser diferentes dos jogos de outro coletivo, isso retrata o caráter dinâmico dos jogos que podem mudar a qualquer momento, pois ele não é fixo, diferente da tradição segundo a qual a palavra tem sua correspondência no mundo, mas pelo contrário, ela está sempre em construção, isso retoma a linguagem como uma forma de vida, em que, por possuir um caráter público, é necessário

ver qual uso as coletividades fazem da linguagem.

Wittgenstein, ao reconhecer no prefácio das *Investigações Filosóficas* os graves erros que cometeu no *Tractatus*, busca corrigir o problema do significado da palavra, visto que, conforme mencionamos, na tradição designativa uma palavra se refere a um objeto no mundo e isso é fixo, contudo, nem sempre usamos as palavras para designar algo, como bem evidencia Wittgenstein no parágrafo 1:

Pense agora no seguinte emprego da linguagem: mando alguém fazer compras. Dou-lhe um pedaço de papel, no qual estão os signos: “cinco maçãs vermelhas”. Ele leva o papel ao negociante; este abre o caixote sobre o qual encontra-se o signo “maçãs”; depois, procura numa tabela a palavra “vermelho” e encontra na frente desta um modelo da cor; a seguir, enuncia a série dos numerais – suponho que a saiba de cor – até a palavra “cinco” e a cada numeral tira do caixote uma maçã da cor do modelo. – Assim, e de modo semelhante, opera-se com palavras. – “Mas como ele sabe onde e como procurar a palavra ‘vermelho’, e o que vai fazer com a palavra ‘cinco’? – Ora, suponho que ele aja como eu descrevi. As explicações têm em algum lugar um fim. – Mas qual é a significação da palavra “cinco”? – De tal significação nada foi falado aqui; apenas, de como a palavra “cinco” é usada. (Wittgenstein, 1999, p. 28)

A palavra cinco não está vinculada a um objeto, ela não substitui nenhum objeto no mundo, a sua utilização se dá por meio da prática de uso, das regras que foram convencionadas pelas coletividades. Portanto, o significado das palavras está no resultado prático delas, algo que compreende aprendizado, domínio da técnica, uma coletividade e contextos de vivências. Assim, para Wittgenstein, a linguagem é algo prático; é uma atividade, uma forma de vida, logo, a tradição designativa é incapaz de dar conta de todas as suas possibilidades de uso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo apresentar os modelos de linguagem de Wittgenstein e qual deles o autor assume que traz uma melhor caracterização do mundo. Por possuir dois pensamentos filosóficos complexos e sem uma continuidade linear de um para o outro, mas, ainda assim, abordar o mesmo problema em ambos os

pensamentos, nos propusemos a esse estudo no interior das duas fases do pensamento de Wittgenstein.

Ao eleger a linguagem pautada pela lógica no *Tractatus* como a que melhor descreve o mundo, Wittgenstein não considera a linguagem em sua totalidade, o que impõe um grande limite, pois a proposição exige uma verificação lógica para então estabelecer o que é dizível. Assim, é evidente que Wittgenstein também não considera os enunciados cotidianos em suas diversas expressões humanas, pois eles também possuem significados e isso leva a inúmeros equívocos que mais tarde ele próprio reconhece que cometeu no *Tractatus*. Tais equívocos Wittgenstein expõe na sua segunda obra, as *Investigações Filosóficas*.

Nas *Investigações Filosóficas*, a estrutura lógica e fixa dá lugar ao jogo de linguagem, como Wittgenstein mostrou: “o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida”, pois a forma de vida é uma ação humana no jogo e como tal possui regras de uso, que de acordo com o contexto de vivência, o uso da palavra no jogo de linguagem confere significado ao mundo. Nessa concepção é o homem que conhece que dirá e significará o mundo conforme sua experiência com a linguagem.

Para Wittgenstein, pensar significa obedecer às regras da linguagem dentro de um jogo específico, pois a linguagem nem sempre expressa o que ela diz. Nesse sentido, a linguagem é significada a partir da perspectiva do uso da palavra, pois há variadas possibilidades para se exercitar a linguagem.

Desse modo, consideramos que a linguagem, para Wittgenstein, é o que ele descreve que seja nas *Investigações Filosóficas*, ou seja, atrelada a uma Forma de Vida. Contudo, assim como Wittgenstein, não ignoramos que a descrição dos estados de coisas não seja útil para a Filosofia da Linguagem, ela só não é suficiente para dizer como o mundo é, pois está claro que o mundo é um múltiplo jogo de linguagem, que assume as mais distintas possibilidades, regido por regras de uso

que lhe conferem o seu significado.

REFERÊNCIAS

- BUCHHOLZ, Kai. Compreender Wittgenstein. Petrópolis: Vozes, 2009.
- CARVALHO, Marcelo. O *Tractatus*: roteiro de leitura a partir de uma ideia básica. In: Sobre o conhecimento, a lógica e a ética. São Bernardo do Campo: Ed. Universidade Metodista, 2008.
- CARNEIRO, Maristela. O Primeiro Wittgenstein e sua Obra: o lugar da linguagem em “*Tractatus Logico - Philosophicus*”. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Faculdade de Filosofia, Ponta Grossa, 2011.
- FAUSTINO, Silvia. O Debate Contemporâneo Sobre a Linguagem. In: Filosofia: conhecimento e linguagem. Org: CARVALHO, Marcelo & CORNELLI, Gabriele. Cuiabá, MT: Central de Textos, 2013.
- FREGE, Gottlob. Sobre o Sentido e a Referência. In: Lógica e Filosofia da Linguagem. Org e Trad: ALCOFORADO, Paulo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- LIMA, Francisco Jozivan Guedes de. Wittgenstein e a Delimitação Lógico-Linguística do Mundo no *Tractatus*. Revista Contemplação, 2015 (12), p.299-310.
- LUNA, José Marcos Gomes de. Sentido e Jogos de Linguagem nas Investigações Filosóficas. Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Filosofia. Recife, 2009.
- MACHADO, José Roney de Freitas. A Construção do Mundo Humano pelos Jogos de Linguagem: da lógica à pragmática wittgensteiniana. Sapere aude – Belo Horizonte, v. 7 – n. 14, p. 845-853, Jul./Dez. 2016 – ISSN: 2177-6342.
- MARQUES, Edgar. Wittgenstein e o *Tractatus*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Reviravolta Linguístico – Pragmática na Filosofia Contemporânea. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- PEREIRA, Rafael Ferreira de Souza Mendes. Das perguntas wittgensteinianas à pedagogia das competências: ou desmontando a caixa-preta de Perrenoud. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 41, n. 1, p. 229- 242, jan./mar. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v41n1/1517-9702-ep-41-1-0229.pdf>
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. História da Filosofia, 6: de Nietzsche à escola de Frankfurt. v. 6. São Paulo: Paulus, 2005.
- REIS, Maria Fernanda de Moura. O Dicionário para Escolas Primárias de Ludwig Wittgenstein e a Virada Linguística. Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. Investigações Filosóficas. Coleção Os Pensadores XLVI. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Tradução: José Arthur Giannotti. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.